

A PAISAGEM URBANA NOS VERSOS LEMINSKIANOS: DIÁLOGOS NO ENSINO DE LITERATURA

**THE URBAN LANDSCAPE IN THE LEMINSKIAN VERSES:
DIALOGUES IN THE TEACHING OF LITERATURE**

**EL PAISAJE URBANO EN LOS VERSOS LEMINSKIANOS:
DIÁLOGOS EN LA ENSEÑANZA DE LA LITERATURA**

Leticia Queiroz de Carvalho¹

RESUMO: O texto em tela busca um diálogo entre a lírica do poeta curitibano Paulo Leminski, a partir do seu poema “Em Brasília admirei”, do livro **Distraídos venceremos** (1995) e as representações da paisagem urbana que emergem dos seus versos, com o objetivo de evidenciar as relações entre a leitura de poesia na sala de aula e o debate sobre o contexto urbano em uma perspectiva que o considere para além da sua dimensão concreta e espacial, a partir de Benjamin (1995), Carlos (2009, 2017), Canevacci (2004) e Harvey (2009, 2012). Espera-se ampliar a compreensão do urbano por meio da literatura, destacando a sua dimensão histórico-social na palavra poética.

Palavras-chave: Ensino de literatura. Paisagem Urbana. Paulo Leminski. Poesia.

ABSTRACT: The text aims a dialogue between the lyrism of the Curitiba poet Paulo Leminski, from his poem “In Brasilia I admired” from the book **Distracted we will win** (1995) and the representations of the urban landscape that emerge from his verses, with the aim of showing the relations between reading poetry in the classroom and the debate on the urban context in a perspective that considers it beyond of its concrete and spatial dimension, from Benjamin (1995), Carlos (2009, 2017), Canevacci (2004) and Harvey (2009, 2012). It is expected to broaden the understanding of the urban through literature, highlighting its historical-social dimension in the poetic word.

Keywords: Teaching literature. Urban Landscape. Paul Leminski. Poetry.

¹ Pós-Doutora em Educação, Instituto Federal do Espírito Santo; Coordenadoria do Mestrado Profissional em Letras. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0519-6746>. E-mail: leticia.carvalho@ifes.edu.br

Artigo recebido em agosto de 2022 e aceito para publicação em outubro de 2022.

RESUMEN : El texto sobre lienzo busca un diálogo entre la lírica del poeta curitiba Paulo Leminski, a partir de su poema “Em Brasília admirado”, del libro **Distraídos Ganaremos** (1995) y las representaciones del paisaje urbano que emergen de sus versos, con el objetivo de mostrar las relaciones entre la lectura de poesía en el aula y el debate sobre el contexto urbano en una perspectiva que lo considera más allá de su dimensión concreta y espacial desde Benjamin (1995), Carlos (2009, 2017), Canevacci (2004) y Harvey (2009, 2012). Se espera ampliar la comprensión de lo urbano a través de la literatura, destacando su dimensión histórico-social en la palabra poética.

Palabras clave: Enseñanza de la literatura. Paisaje Urbano. Paulo Leminski. Poesía.

INTRODUÇÃO

Os poetas são a antena da raça, como bem lembrou Ezra Pound (1885-1972), crítico literário, ensaísta e poeta norte-americano, ao destacar a capacidade dos artistas de captarem, para além dos caminhos convencionais, estímulos muitas vezes imperceptíveis em situações concretas da nossa vida ordinária. Antenado ao seu tempo e para além dele, o curitibano Paulo Leminski destacou-se na cena literária brasileira por sua dicção peculiar e por dialogar com variadas tendências à sua época, seja no campo da literatura, seja no campo musical ou no campo das artes em suas diversas formas de expressão. A palavra poética com a qual edificou muitos dos seus poemas registrou um ofício poético profundamente vinculado à vida e às questões que emergiam do universo cotidiano do qual buscou a matéria-prima para os seus versos.

Nesse universo leminskiano, a paisagem urbana é representada em alguns poemas, dentre os quais escolhemos “Em Brasília admirei”², do livro **Distraídos venceremos** (1995), para buscarmos um diálogo entre a leitura de poesia na sala de aula e o contexto urbano em uma perspectiva que o evidencie para além dos seus espaços concretos e construções, de modo a ampliar as concepções de leitores e mediadores de leitura no que tange aos aspectos histórico-sociais que emergem da palavra poética ao representar a cidade.

As representações da paisagem urbana no texto lírico apontam para um debate profícuo no processo dialógico de leitura poética, pela qual a nossa percepção acerca da paisagem apresenta-se como um sustentáculo importante da nossa compreensão crítica do lirismo para além de uma perspectiva formalista ou atrelada apenas ao cenário da literatura. Acreditamos que, sob tal ótica, a paisagem urbana integra-se ao contexto cultural mais amplo, inclusive nas interações que estabelecemos com a vida cotidiana e do que podemos efetivamente apreender dessas relações com o cenário urbano.

A interlocução que propomos será sustentada por textos da fortuna crítica de Paulo Leminski, bem como por textos de autores que têm buscado compreender o espaço citadino como um cenário polifônico e vinculado às nossas memórias e direitos, tais como Benjamin (1995), Carlos (2009, 2017), Canevacci (2004) e Harvey (2009, 2012), além de autores representativos da Literatura e Educação, destacando-se questões atinentes à

leitura de poesia e a formação de leitores, a partir de Antunes (2015), Candido (1995, 2002), Pinheiro (2018) e Sorrenti (2007) de modo a ressaltar, nas práticas de leitura em sala de aula, as representações da cidade nos versos, ritmos e sons presentes nos poemas leminskianos escolhidos como *corpus* deste texto.

O cotejamento entre as matrizes teóricas escolhidas se dará por meio de uma pesquisa bibliográfica de viés crítico, a partir da qual buscaremos os traços que aproximam ou distanciam os autores que subsidiarão o nosso diálogo, com vistas a ampliar as questões trazidas neste texto relativas ao nosso objeto de análise, a partir de três seções propostas para a interlocução pretendida.

A primeira delas, denominada “A lírica leminskiana e a paisagem urbana”, trará à baila algumas considerações gerais sobre a poética do autor curitibano, destacando-se o poema “Em Brasília admirei” (LEMINSKI, 1995) e as suas relações com o espaço polifônico do cenário urbano e da palavra poética como registro das cenas citadinas e das tensões próprias das relações que se estabelecem nesses espaços.

A seguir, na seção “A paisagem urbana na sala de aula: reflexões a partir dos versos leminskianos”, serão discutidos os possíveis desdobramentos do nosso diálogo poético no universo da sala de aula e do ensino de literatura, destacando-se a força do signo poético em sua interlocução com as contradições e experiências suscitadas pela paisagem urbana no âmbito educacional no que tange às práticas de leitura subsidiadas por concepções de literatura e de ensino em um viés não reducionista dessa interface teórica.

Por fim, na seção “Apontamentos para novos diálogos”, apresentaremos uma síntese do nosso cotejo teórico, de modo a ressaltar as potencialidades da leitura da poética leminskiana no contexto do ensino, sob a ótica dos estudos do espaço urbano como lócus social em que muitas vozes produzem cultura, história e memórias, para além da materialidade que constitui a cidade, considerada no texto em tela como ambiente de encontros e tensões, o qual também contribui para a humanização dos sujeitos.

A LÍRICA LEMINSKIANA E A PAISAGEM URBANA

Poesia, para mim, tem que ser alegria e esperança. O puro júbilo do objeto, esplendor do aqui e do agora. Ou a canção assobiada que ajuda a caminhar nas estradas, na viagem rumo à Utopia.
(Paulo Leminski)

A pluralidade da poética de Paulo Leminski provoca em seu leitor a sensação de percorrer um labirinto, “[...] é como procurar o fio de Ariadne no temível labirinto cretense habitado pelo Minotauro” (MARINS, 1996, p.5). Através das encruzilhadas e dos segredos da escrita do autor, mapeando suas possibilidades e limitações, é preciso achar o fio condutor de uma reflexão poética como “um exercício de liberdade” (LEMINSKI, 1999, p.284), a partir da qual o poeta curitibano sempre buscou uma dicção que revelasse o seu tempo, dialogando com várias modalidades de expressão – artes plásticas, literatura, propaganda, quadrinhos, cinema e música.

No decorrer das manifestações literárias – destacando-se a modernidade - o texto lírico passa a ser uma resposta em linguagem às questões vinculadas à palavra poética e à realidade contemporânea. A função da arte e do artista, antes não problematizada, passa a motivar o poema como “resposta-constituente” e não como “resposta-reflexo”, termos utilizados por Luis Costa Lima para evidenciar o objeto artístico na modernidade não apenas como representação da realidade (resposta-reflexo), mas também como presentificação dessa realidade como elemento que a constitui (resposta-constituente) e não apenas lhe serve de testemunha. O autor nos lembra que

A partir do instante, (...) em que os vínculos diretos entre o poeta e a comunidade, entre a linguagem poética e a comunitária se romperam e se “especializaram” coube a pergunta sobre o que validamente fala o poeta. Fala de si próprio ou, caso seu dizer é mais geral, quais as condições para que esteja ao nível desta exigência? (...) Em uma sociedade de que o poeta deixou de ser o porta-voz, para ser o marginal maligno que fala do que não se quer reconhecer, a subjetividade pessoal passa a ter menos importância do que os elementos do choque, a realidade conhecida, recoberta com a capa da “universalidade”, menos importância que a hostilidade ou a repugnância com que se descobrem aspectos ocultos ou desagradáveis (LIMA, 1995, p.27).

O curitibano Paulo Leminski³ (1944-1989) é um desses poetas que passa a dispor da sua linguagem como recurso expressional para ir além de suas experiências subjetivas, pessoais. Desse modo, o objeto do seu fazer poético extrapola os sentimentos do sujeito lírico e converte-se na própria construção do poema como artefato que propõe novas perspectivas contidas no objeto-palavra.

Maciel (2003) destaca a peculiaridade da dicção poética de Leminski e a sua pré-disposição ao diálogo com tendências diversas no campo cultural do seu tempo. O poeta curitibano buscou contribuições em variadas referências poético-culturais, para além do gênero lírico:

Embora tenha transitado por várias tendências poéticas em evidência no seu tempo e dialogado com distintas tradições, ele nunca se deixou confinar em gerações ou grupos específicos. Para ele, a relação com seus pares e precursores passava também pela ‘desleitura’. Incorporou o legado oswaldiano e a tradição japonesa dos haikais e dos samurais, formou-se na poesia marginal da década de 70, manteve um contato criativo com a poesia concreta e com o tropicalismo, mas ousou afirmar sua própria dicção, inventar um caminho só seu, feito sobretudo de desvios em relação às vias já fixadas (MACIEL, 2003, p.11).

Na idiosincrasia da sua dicção poética, Leminski traz à baila registros do cotidiano em suas experiências ordinárias, dentre as quais aquelas que viveu em Curitiba, a cidade em que nasceu. Em meio aos seus versos, o poeta curitibano deixa emergir o urbano

em representações plurais. Os espaços de Curitiba mesclam-se à voz lírica e a suas inquietações, para além de uma noção meramente geográfica.

Em 1976, no livro **Quarenta cliques em Curitiba**, os primeiros versos em que a paisagem urbana aparece evidenciam a cidade de Curitiba, em um diálogo verbo-visual entre as fotografias da cidade, feitas pelo artista Jack Pires⁴ e alguns poemas leminskianos escolhidos por ambos, de maneira a estabelecer uma relação entre as imagens de Pires e a poética de Leminski.

Nessa primeira coletânea, é evidente o desejo de uma relação peculiar entre poesia e cidade, resgatando a essência de ambas:

Ruas cheias de gente.
Seis horas.
Comida quente. Caçarolas
(LEMINSKI, 1990: s.p).

Em outros registros poéticos, o sujeito lírico dos versos leminskianos traz à baila a relação vital entre a paisagem urbana e as suas potencialidades como referência de um espaço vivo, pulsante e nuclear, embora para alguns sujeitos esse espaço traduza apenas as tensões cotidianas presentes no ritmo apressado que tem se instaurado em nossas relações contemporâneas. O lirismo do poeta curitibano nos provoca ao trazer uma voz que evidencia a rua como lugar central do cenário urbano, o *locus* do encontro e do diálogo:

Ainda vão me matar numa rua.
Quando descobrirem,
principalmente,
que faço parte
dessa gente que pensa que a rua
é a parte principal da cidade.
(LEMINSKI, 1990:s.p.)

Suzuki (2005) afirma que, embora a cidade esteja presente em poucos poemas leminskianos, a reflexão sobre as relações entre o espaço urbano e a poética de Paulo Leminski, neste pequeno corpus, já é suficiente para percebermos que a compreensão desses versos traz como ideia nuclear a liberdade formal em relação às influências sofridas pelo curitibano – quais sejam dos poemas concretos e dos haikais – bem como de uma profunda relação da cidade e o que ela evoca como matéria de poesia em sua pluralidade, afinal

A cidade, na obra poética de Paulo Leminski, não se constitui apenas como uma imagem que permanece em todos os poemas, mas se delinea e se transforma, revelando muitas de suas faces, como múltiplos são os sujeitos que a vivem, mesmo os muitos que vivem em cada um de nós (SUZUKI, 2005, p.137).

A lírica leminskiana registrou também um olhar para a cidade em sua concretude, sua história e os aspectos produtivos da vida social, os quais a constituem. Em **Distraídos venceremos** (1995), o poema “Em Brasília admirei” - escrito por Paulo Leminski durante sua visita a Brasília em 1984, após um almoço numa pensão na W3S, com Ivan “Presença”, Nicholas Behr e Alice Ruiz - problematiza as relações entre uma cidade marcada por profundas diferenças sociais e uma outra cidade que parece desconsiderar as histórias ordinárias como referência em seus espaços:

CLARO CALAR SOBRE
UMA CIDADE SEM RUÍNAS
(RUINOGRAMAS)

Em Brasília, admirei.
Não a Niemeyer lei,
a vida das pessoas
penetrando nos esquemas
como a tinta sangue
no mata borrão,
crescendo o vermelho gente,
entre pedra e pedra,
pela terra a dentro.
Em Brasília, admirei.
O pequeno restaurante clandestino,
criminoso por estar
fora da quadra permitida.
Sim, Brasília.
Admirei o tempo
que já cobre de anos
tuas impecáveis matemáticas.

Adeus, Cidade.
O erro, claro, não a lei.
Muito me admirastes,
muito te admirei.

Uma cidade sem ruínas é uma cidade planejada, pensada em termos matemáticos e arquitetônicos, e se pensada apenas nesses termos, pode desconsiderar em suas relações a memória, as experiências coletivas e uma história que também se constitui a partir da vida comum e da polifonia que surge na pluralidade de vozes que emergem da paisagem urbana e extrapola os seus aspectos físicos, considerando o entrelaçamento entre as construções e as ações ocorridas entre os sujeitos que as habitam, no dizer de Benjamin (1995), uma

arquitetura porosa, na qual a cidade é inacabada, essencialmente indefinida e prescinde da vida de seus habitantes para ganhar dinamismo em suas formas.

Admirar em Brasília o “[...] O pequeno restaurante clandestino/criminoso por estar/fora da quadra permitida[...]” é reconhecer uma cidade plural e, paradoxalmente, excludente por estabelecer limites entre os espaços de forma discriminatória. Canevacci (2004) é enfático ao defender o aspecto comunicacional da cidade, incluindo as suas construções e monumentos. Para o antropólogo italiano, há muitas linguagens na paisagem urbana e a nossa tarefa central é tentar compreender o espaço urbano, por meio das experiências que ele nos oferece. Ao nos comunicarmos com a cidade, suas construções e seus espaços, como observadores atentos e sensíveis, observamos também a nós mesmos e ampliamos a nossa compreensão do cenário urbano.

A experiência é algo que nos toca e nos humaniza (BONDÍA, 2002) e nesse processo de viver coletivamente as situações que nos modificam e nos afetam, o diálogo com a paisagem urbana poderá nos aproximar de lugares onde gerações sucessivas imprimiram suas marcas, suas utopias e seu imaginário. O mundo revelado na prática socioespacial é contraditório, próprio de um processo em curso que se baseia no processo de reprodução das relações sociais. Desse modo, a comunicação com o espaço urbano traz em sua essência a possibilidade de leitura das perspectivas concretas de realização social (CARLOS, 2017).

O direito à cidade pressupõe também uma interação igualitária entre os ritmos plurais de vida e as variadas formas de relação com o espaço urbano. Os versos leminskianos também nos provocam no sentido de que pensemos a paisagem urbana atrelada a sua historicidade que inclui diferenças, tensões e maneiras distintas de apropriação dos seus espaços, independente dos limites impostos pelo planejamento excludente da cidade, tal como preconiza o sujeito lírico: “[...] criminoso por estar fora da quadra permitida”.

Alguns locais de convivência da cidade, onde também há produção de cultura e de relações sociais potentes que constituem a vida urbana, ficam à margem de um planejamento social que possibilite uma interação plural no contexto urbano. Como nos lembra Telésforo (2011):

Lutar pelo direito à cidade é romper com a sociedade da indiferença e caminhar para um modo diferencial de produção do espaço urbano, marcado pelo florescimento e interação igualitária de diversos ritmos de vida, expressão das diferentes formas de apropriação do espaço. Averso às “impecáveis matemáticas”, ao planejamento metafísico que pretende resolver em definitivo os problemas sociais e declarar o fim da história, a intervenção transformadora desse espaço é ciente de sua historicidade, procurando no tempo sua reconstrução cotidiana pelas tensões entre as experiências do real e as utopias construídas a partir delas (TELÉSFORO, 2011: s.p)

Quando o sujeito lírico dos versos leminskianos confessa a sua admiração pelo restaurante clandestino em Brasília: “Em Brasília, admirei/O pequeno restaurante clandestino,/criminoso por estar fora da quadra permitida”, provoca-nos também no

sentido de problematizar o planejamento metafísico e matemático que não prevê a historicidade de uma vida social que acontece de forma dinâmica nas experiências concretas do cotidiano, além da evidente exclusão de alguns grupos sociais no que tange ao usufruto da cidade em áreas consideradas nobres.

Nas grandes cidades podemos discorrer sobre as favelas, os bairros de classe média e os bairros arborizados pelos quais podem-se vislumbrar grandes mansões em seus muros altos, verdadeiras fortalezas cercadas e pretensamente protegidas da violência social. Mas também é preciso que recordemos do bar da esquina, da padaria, dos supermercados e das vendinhas, dos clubes, do comércio, dos prédios industriais e dos bancos, todos peculiares em seus distintos tempos de surgimento, o que os particulariza em seus aspectos arquitetônicos e em suas histórias (CARLOS, 2009).

Os diversos ritmos de vida que atravessam a dinâmica social da paisagem urbana precisam ser considerados em suas peculiaridades quando buscamos uma compreensão mais ampla das relações sociais que se estabelecem no espaço urbano. Harvey (2012) destaca as mudanças no modo de vida na cidade, ocorridas a partir do processo de urbanização, principalmente pelo fato da própria vida urbana e do universo das cidades tornarem-se uma mercadoria, uma vez que em sua constituição político-econômica destacam-se aspectos alinhados ao consumismo, ao turismo e à indústria cultural, os quais reforçam hábitos de consumo e de relações culturais condicionadas a uma experiência urbana marcada pelo poder de compra em grandes centros comerciais e em pequenos comércios que, ao proliferarem, contribuem para a materialização do sistema capitalista no espaço citadino.

O geógrafo marxista inglês também ressalta em suas reflexões a ideia de um direito à cidade, a partir do qual o homem possa efetivamente participar dos processos históricos de criação de um espaço urbano no qual as suas necessidades sejam realmente atreladas à configuração dessa cidade que não ofereça apenas o direito de ter acesso às migalhas caídas da mesa dos ricos, mas sim o direito que todos devemos ter de construir as diversas cidades que queremos que existam (HARVEY, 2009).

Uma pluralidade de mundos possíveis deveria integrar a paisagem urbana quando pensarmos em políticas públicas de acesso à cultura, à educação e à vida social como um todo, afinal um olhar atento ao contexto urbano de forma mais incluyente e democrática traria à baila debates que considerem “[...] a vida das pessoas/ penetrando nos esquemas[...]” (LEMINSKI, 1995) e a voz de grupos sociais à margem dos processos decisórios da vida citadina.

Uma cidade se constitui dos registros da vida cotidiana e das suas referências, das memórias coletivas e individuais que atravessam as histórias de vida e as experiências que são trocadas nos lugares que compõem o cenário urbano, por isso é imperioso compreender a paisagem urbana também em sua articulação com o passado, cujos vestígios também são representativos em sua constituição, inclusive em nosso reconhecimento dessa paisagem no tempo presente, pois se a paisagem pode congelar a história, por outro lado também participa da história viva, por meio das suas formas que realizam no espaço as funções sociais (SANTOS, 2006).

Os versos do poeta curitibano nos convidam a uma reflexão sobre a paisagem urbana e as suas relações com as memórias e histórias produzidas em diferentes perspectivas e cenários da cidade, representada no lirismo leminskiano como *locus* de vida pulsante e de convivência, além de local em que se encontram as contradições sociais resultantes dos diferentes modos de apropriação do espaço, diferenças essas marcadas por processos excludentes e hegemônicos que pensam a cidade para grupos econômica e politicamente dominantes.

De que modo, então, um debate nas práticas de leitura poderia potencializar tais reflexões e ampliar a visão crítica de nossos alunos no que tange ao pensamento sobre a cidade, a paisagem urbana e os espaços sociais por onde transitam ou dos quais gostariam de fazer parte ativamente? O lirismo leminskiano poderá contribuir para tal discussão na escola? A partir de que caminhos poderemos evidenciar as relações entre a leitura de poesia na sala de aula e o debate sobre o contexto urbano em uma perspectiva que o considere para além da sua dimensão concreta e espacial?

Compreendemos que tais questões carregam consigo a complexidade do debate social sobre a temática da paisagem urbana em suas variadas vertentes sociais, por isso não pretendemos restringir a discussão ao recorte teórico-metodológico que propomos neste texto. Ainda assim, buscaremos, a seguir, algumas possíveis respostas a essas questões, por meio de uma interlocução entre os pressupostos sobre a paisagem urbana, trazidos até então no texto em tela, e alguns autores representativos da leitura de poesia na sala de aula, para que a nossa percepção acerca da paisagem apresente-se como um sustentáculo importante da nossa compreensão crítica do lirismo para além de uma perspectiva formalista ou atrelada apenas ao cenário da literatura.

A PAISAGEM URBANA NA SALA DE AULA: REFLEXÕES A PARTIR DOS VERSOS LEMINSKIANOS

O exercício jamais fechado da leitura continua o lugar por excelência do aprendizado de si e do outro, descoberta não de uma personalidade fixa, mas de uma identidade obstinadamente em devenir.

(Antoine Compagnon)

O diálogo entre o lirismo e as práticas de leitura no contexto da educação básica, a partir das provocações do sujeito lírico do poema “Em Brasília admirei”, apresenta-se como um caminho potente para uma reflexão crítica acerca das relações presentes no espaço urbano em seu aspecto histórico-social, marcado também pelas experiências humanas cotidianas.

De forma geral, o texto poético, tem se apresentado como um gênero literário desprestigiado no fazer pedagógico em sala de aula, de acordo com algumas pesquisas acadêmicas que indicam frequentemente certo distanciamento entre a formação de leitores na escola e o gênero lírico (PINHEIRO, 2018), de modo que ampliar as condições de leitura e compreensão de poemas em sala de aula, além de garantir a aproximação dos jovens leitores do universo lírico, é também perceber a leitura de poesia como um

caminho para a educação literária capaz de contribuir para a formação de leitores mais sensíveis às questões sociais que nos provocam cotidianamente. Sorrenti (2007) reafirma tais ideias, quando aponta que

Na sala de aula, o trabalho com a poesia geralmente ocupa um tempo restrito, porque há muitos assuntos a serem estudados. Mas é preciso aconselhar o aluno a não entregar a criação poética ao domínio da pressa, do sonho e da inconsciência. Faz-se necessário ressaltar sempre a importância do raciocínio e da atenção (SORRENTI, 2007, p. 52).

A contribuição da poesia no contexto da leitura literária evidencia-se também por sua capacidade de sensibilizar seus leitores que, em fase escolar, precisam do trabalho com esse gênero sob a perspectiva também da responsividade que exercitam como sujeitos que respondem às provocações dos textos poéticos, ou seja, considerar a recepção do lirismo na sala de aula sob a ótica do diálogo e do compartilhamento das experiências leitoras é vital para uma leitura crítica (NUNES, 2016).

Cabe ainda destacar a peculiaridade da linguagem poética, no que tange ao seu poder de síntese, à polissemia dos seus recursos expressivos e à capacidade do poeta para dialogar com o mundo e com as questões humanas nas entrelinhas dos seus versos, convidando-nos a um jogo de subentendidos presentes na ambiguidade e na linguagem cifrada que nos desafia como leitores em nossa sensibilidade e senso de observação (MOISÉS, 2012).

Pensar a paisagem urbana no contexto do lirismo e das suas especificidades é, de certa forma, buscar compreendê-la em uma concepção que a considere para além da sua dimensão concreta e espacial, já que a pluralidade de sentidos que emergem da linguagem lírica edifica-se também por meio das memórias, da subjetividade do sujeito poético e de uma expressividade que constitui-se na interlocução com os espaços com os quais interage.

No poema “Em Brasília admirei” (LEMINSKI, 1995), a voz poética provoca o leitor ao questionar o contexto urbano em suas diferentes formas de apropriação pelos homens que transitam e produzem referências em seus espaços. A crítica que emerge nesses versos traz em seu bojo uma compreensão da cidade que não se restrinja apenas a uma visão congruente do seu planejamento.

O sujeito lírico nos versos de Leminski nos lembra que a paisagem urbana exala história e se comunica com os homens em suas experiências cotidianas que estão à margem dos esquemas hegemônicos que excluem as pessoas:

Em Brasília, admirei.
Não a Niemeyer lei,
a vida das pessoas
penetrando nos esquemas
como a tinta sangue
no mata borrão,

crescendo o vermelho gente,
entre pedra e pedra,
pela terra a dentro
(LEMINSKI, 1995).

A vida ordinária precisa romper os esquemas sociais que a desconsideram como importante elemento na constituição da cultura e da existência nos processos da vivências coletivas. No que tange à formação da criticidade dos leitores em sala de aula, essas questões devem emergir nas práticas de leitura de modo a provocar reflexões e debates que sensibilizem esses sujeitos para uma compreensão mais ampla das questões concretas que os desafiam no cenário urbano em que convivem.

Sob tal ótica, cabe-nos como professores de literatura criar situações interlocutivas a partir das quais, de forma coletiva, busquemos uma educação literária alinhada a um entendimento dos espaços sociais como locus de produção histórica, cultural e principalmente como cenário em que se estabelecem relações complexas em um movimento contínuo de criação e recriação das nossas experiências. Desse modo, a leitura de “Em Brasília admirei” – para além do contato com recursos expressivos próprios da linguagem lírica e da poética leminskiana- insinua-se também como um potente caminho para uma leitura crítica da paisagem urbana, a partir de questionamentos que a problematizem, tais como: Qual cidade o sujeito lírico do texto leminskiano realmente admira? Por que alguns espaços urbanos ainda são excluídos de uma concepção de cidade que é difundida pela mídia e por outras representações culturais? Temos o direito a qual cidade? Qual a relação entre memória e paisagem urbana nos versos de Paulo Leminski? Que processos discriminatórios podem ser observados a partir das diversas formas de apropriação dos espaços urbanos?

Essas e muitas outras questões poderão emergir da leitura dialogada do poema em análise neste texto. O sujeito poético traz à baila, além do seu olhar crítico em relação às situações díspares de um planejamento urbano pensado de forma excludente, a inevitável relação da paisagem urbana com as marcas da história produzida pelos homens em suas relações sociais de trabalho e convivência, as quais conseguem extrapolar as “impecáveis matemáticas” que não são imunes ao tempo e ao que ele imprime de memória e registro no que é aparentemente estático: “[...] Admirei o tempo/que já cobre de anos/tuas impecáveis matemáticas”. Carlos (2009) destaca de forma enfática que sob esta aparência estática dos monumentos, construções, instalações e espaços físicos da cidade se esconde e se revela todo o dinamismo do processo que constitui a existência da paisagem que, por sua vez, fundamenta-se nas contradições decorrentes do desdobramento das relações sociais, a partir das quais surgem novos elementos estruturadores do espaço urbano, provenientes das necessidades humanas reproduzidas em suas apropriações desse espaço.

Trazer para o cenário da sala de aula essa discussão, seja nas séries finais do Ensino Fundamental, seja nos estudos literários no Ensino Médio, é evidenciar também as aproximações entre a leitura de poesia na sala de aula e o debate sobre o contexto urbano em uma perspectiva que o considere em sua dimensão histórica e social, possível pelo

trabalho humano e pelas relações sociais que se apresentam cotidianamente na dinâmica da nossa existência, tal como aponta Carlos (2009, p.38)

A paisagem não é só produto da história como também reproduz a história, a concepção que o homem tem e teve do morar, do habitar, do trabalhar, do comer e do beber, enfim, do viver. [...] Esta paisagem, este instantâneo que surge, à primeira vista, aos olhos do pesquisador, não é estático, mas preme de movimento, de vida, de uma vida rica de relações que o homem (o indivíduo) mantém dia após dia para se reproduzir enquanto ser humano, membro de uma sociedade e enquanto espécie.

A partir dessa perspectiva da paisagem urbana integrada à vida humana e às suas necessidades sociais – ainda que as contradições se perpetuem nos diferentes modos de vida em função de suas especificidades também diversas – uma outra relação com a leitura de poemas, cujo núcleo temático seja a cidade, poderá ser estabelecida, se considerarmos que o direito aos espaços sociais da cidade deverá incluir o direito à literatura como essencial à nossa formação humana, por ser um elemento que nos proporciona uma experiência estética que contribui com a organização do nosso caos mental, além de nos sensibilizar no que tange às questões sociais que nos desafiam, de ampliar a nossa visão do mundo em sua pluralidade e nos colocar em contato com a dor do outro e as contradições advindas desse olhar alteritário; por isso, nos humaniza (CANDIDO, 2004).

Ao percorrer os versos de Paulo Leminski observando, sobretudo, o seu tom crítico em relação à cidade e aos seus processos discriminatórios, entrevemos algumas possibilidades de superação da distância entre a escola e os temas sociais que deveriam nos tocar no sentido de buscarmos uma compreensão mais ampla das necessidades do nosso tempo, das suas formas de organização social e das possíveis aspirações de melhoria das condições de vida que nos são apresentadas (ANTUNES, 2015).

A interlocução entre o poema “Em Brasília admirei” e a reflexão sobre a paisagem natural em sua pluralidade, no contexto das práticas de leitura em sala de aula, exigirá uma mediação docente em que, no dizer de Pinheiro (2018), o professor ou mediador de tal prática, busque como condição indispensável para um diálogo potente, o reconhecimento dos cenários sociais em que ela ocorre, além da valorização do universo cultural dos seus alunos, muitos deles atingidos por situações violentas e excludentes próprias do nosso contexto social, ainda marcado por profundas desigualdades socioeconômicas.

Compreender o gênero lírico em sua relação com a paisagem urbana, pois, além de importante experiência estética na formação humana dos nossos alunos, é trazer para o contexto das práticas pedagógicas a relevante discussão sobre o direito à cidade, à cultura, ao trabalho, à mobilidade urbana e às apropriações dos espaços sociais de forma democrática e possível.

APONTAMENTOS PARA NOVOS DIÁLOGOS

O texto em tela buscou, por meio de uma interlocução teórica, estabelecer pontos de contato entre a leitura de poesia e as representações da paisagem urbana no lirismo, com o objetivo de evidenciar as relações entre a leitura de poesia na sala de aula e o debate sobre o contexto urbano em uma perspectiva que o considere para além da sua dimensão concreta e espacial.

Para tal interlocução, buscamos nos versos poéticos de “Em Brasília admirei”, do curitibano Paulo Leminski, elementos para uma compreensão da cidade e da paisagem urbana como espaços polifônicos, sociais e históricos, nos quais uma vida rica em relações sociais se estabelece e cria referências para a sua edificação como *locus* de produção da existência em suas variadas manifestações, sejam relativas ao entretenimento, ao trabalho, ao estudo, à cultura ou às suas diversas formas de convivência.

A partir do nosso diálogo teórico, compreendemos que os versos leminskianos em sua relação com a paisagem urbana poderão se traduzir em importante experiência estética na formação de leitores críticos, pois trazem para a sala de aula a relevante discussão sobre as questões do direito à cidade e dos seus desdobramentos para uma vida social que nos integre, como seres humanos, aos espaços sociais de forma participativa.

Uma leitura crítica da cidade por meio do lirismo deverá considerar em seu percurso as seguintes questões: compreender a paisagem urbana como cenário não estático, mas sim aglutinador de experiências e registros históricos; o *locus* urbano como um espaço de convivência e de importantes relações sociais em sua diversidade; o planejamento urbano como processo inclusivo que possa acatar a pluralidade de mundos possíveis no usufruto do cenário urbano; a possibilidade de um direito à cidade de forma indiscriminada e democrática, apesar das contradições sociais que a constituem; a importância do diálogo entre a literatura e a paisagem urbana, no que tange à necessária leitura crítica do contexto urbano, alargando a compreensão do mundo e os movimentos de resistência que o transformarão.

NOTAS

2 Poema escrito por Paulo Leminski durante sua visita a Brasília em 1984, após um almoço numa pensão na W3S, com Ivan “Presença”, Nicholas Behr e Alice Ruiz, esta última poetisa e esposa do poeta curitibano à época. Paulo deixou o manuscrito com o também poeta Nicholas Behr. Originalmente, o poema foi publicado em “Tira Prosa” a revista cultural do Feitico Mineiro, Número 11 out. / nov. / 1998. Informações disponíveis em: <<http://maranhaoviegas.blogspot.com/2013/04/brasil-ia-por-leminski.html>>.

3 Toninho Vaz, jornalista e amigo do poeta, escreveu a biografia **O bandido que sabia latim**, lançado em 2001, pela editora Record, no qual resgata a multifacetada estrada literária do poeta, bem como situações inusitadas da sua biografia. Vale a leitura.

4 Jack Pires foi um fotógrafo curitibano, falecido em 1990 e parceiro do poeta Paulo Leminski no projeto do “fotolivro” 40 clics em Curitiba, em que organizaram 24 combinações de

imagens e textos que foram publicadas inicialmente neste livro de 1976. Ambos trabalharam no diálogo poético entre os textos leminskianos e as fotografias de Pires.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Benedito. O que significa ensinar literatura no mundo contemporâneo? **Miscelânea**, Assis, v. 18, p.217-230, jul.-dez. 2015.
- BENJAMIN, Walter, **Rua de Mão Única** - Obras escolhidas Volume III. 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 73.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.19, jan./fev./mar./abr. 2002, p.20-28.
- CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 2ª. Ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995 .
- CANDIDO, Antonio. “A literatura e formação do homem”. In: **Textos de Intervenção**. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34, 2002. P.77-92.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2009.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-Tempo da Vida Cotidiana na Metrópole**. São Paulo: Labur Edições, 2017.
- HARVEY, David. “O direito à cidade”. *Lutas Sociais*, São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012. Acesso em 20.10.21.
- HARVEY, David. “Alternativas ao neoliberalismo e o direito à cidade”. *Novos Cadernos NAEA*, v. 12, n. 2, p. 269-274, dez. 2009.
- LEMINSKI, Paulo. **Distraídos venceremos**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- LEMINSKI, Paulo. **Quarenta clics em Curitiba**. 2.ed. Curitiba: Etcetera/Governo do Paraná/Secretaria de Estado da Cultura, 1990. s.p. (poesia com fotos de Jack Pires). [1.ed. 1976].
- LEMINSKI, Paulo. Poesia: a paixão da linguagem. In: CARDOSO, Sérgio et al. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- LIMA, Luiz Costa. **Lira & antilira**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- MACIEL, Maria Esther. Prefácio: A escrita das margens. In: REBUZZI, Solange. **Leminski, guerreiro da linguagem; uma leitura das cartas-poemas de Paulo Leminski**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003. p.11-14.
- MARINS, Álvaro. Labirinto sem limites. In: MARINS, Álvaro; GÓES, Fred. **Paulo Leminski: melhores poemas**. São Paulo: Global, 1996.
- MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia não é difícil**. São Paulo: Biruta, 2012.
- NUNES, Ginete C. Poesia e letramento literário no Ensino Fundamental. **Revista de Psicologia**, Fevereiro de 2016, vol.10, n.29. p. 152-159. ISSN 1981-1179.
- PINHEIRO, José Hélder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.
- PINHEIRO, José Hélder. Caminhos da abordagem do poema em sala de aula. **Graphos**,

João Pessoa, v.10, n.1, 2008, p.19-31.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e Literatura: uma leitura da cidade na obra poética de Paulo Leminski. **Revista da Anpege**, São Paulo, v.2, n.2, 2005, p.115-141.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola**: reflexões, comentários e dicas de atividades. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

TELÉSFORO, João. **O direito à cidade**: a apropriação democrática do espaço urbano. Disponível em: [O direito à cidade: a apropriação democrática do espaço urbano* | Brasil e Desenvolvimento \(wordpress.com\)](#). Acesso em 28.nov.2021.